

O CONTEXTO PANORÂMICO DO SEGUNDO TESTAMENTO

LUCAS LIMA MARTINS FRIDMAN¹
CHANDLER TIAGO S. SANT'ANA²

Resumo: O presente artigo, através de uma revisão bibliográfica, tem como objetivo mostrar quais foram os principais aspectos contextuais do século I EC que impactaram a formação do Segundo Testamento, também conhecido como Novo Testamento. O Segundo Testamento é um relato histórico inspirado, cheio de informações sobre o berço do Protocristianismo, surgido a partir do movimento messiânico de Yeshua, que, a despeito de estar envolvido em um contexto histórico fluido, tornou-se uma das maiores religiões monoteístas do mundo nos séculos seguintes. Entender qual era o contexto geográfico, histórico e social desse surgimento, de forma panorâmica, é o objetivo principal dessa pesquisa, levando o leitor a compreender como o imaginário da época era composto, causando assim uma reflexão sobre quais influências podem ser sentidas no estudo do Protocristianismo.

Palavras-chave: Protocristianismo. Helenização. Judaísmo.

THE PANORAMIC CONTEXT OF THE SECOND TESTAMENT

Abstract: This article, through a bibliographical review, aims to show the main contextual aspects of the 1st century CE. The Second Testament, also known as the New Testament, is an inspired historical account filled with information about the birthplace of Proto-Christianity. Such a religious conception arises from the Messianic movement of Yeshua, and despite being involved in a fluid historical context, it becomes one of the greatest monotheistic religions in the world in the following centuries. Understanding the geographic, historical and social context of this emergence, in a panoramic way, is the main objective of this research, leading

¹ Bacharel em Teologia (Seminário Latino-Americano de Teologia – IAP). Licenciado em Ciências Sociais (Faculdade de Educação Paulistana). Mestrando em Teologia Histórica. Contato: lucaslmfridman@gmail.com.

² Bacharel em Teologia (Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – FADBA). Graduando em Estudos Judaicos (Seminário Rabínico Latino-Americano Marshall T. Meyer). Contato: chandlertigosantana@gmail.com.

the reader to understand how the imagination of the time was composed, thus causing a reflection on what influences can be felt in the study of Proto-Christianity.

Keywords: Proto-Christianity. Hellenization. Jewish.

1. Introdução

Ao estudarmos uma temática a fundo, não podemos olhar somente para o nosso objeto de estudo, mas precisamos olhar para ele inserido em um contexto maior, que o circunda. Em termos de interesse, nosso objeto de estudo aqui é o Segundo Testamento (também conhecido como Novo Testamento), mas para conhecermos a fundo o texto e o que o autor quis transmitir, precisamos entender qual era o contexto maior ao redor. É preciso entender como viviam, como se alimentavam, como trabalhavam, como eram as construções e tudo isso nos ajudará a montar um quebra-cabeça de uma época tão distante da atual, para que no estudo que fizermos, não incorramos em anacronismos.

O povo de Israel demonstrou seu caráter etnográfico e cultural através da Bíblia, que além de um documento histórico, é considerado por judeus e cristãos, como texto sagrado. Lançando mão às bases de tais religiões compreendemos que o primeiro século, momento importante para ambas as tradições, se fez muito confuso, visto estar envolto de uma série de crises, políticas, religiosas e partidárias. Sendo assim, conhecer tais crises e fenômenos geográficos, culturais e históricos, se torna imprescindível para um estudo sério. Assim, o presente artigo pretende de uma forma geral e panorâmica, dar ao leitor um vislumbre dos mais variados contextos existentes no período de surgimento do protocristianismo e desenrolar do Segundo Testamento.

2. Contexto Geográfico

Segundo Bastos (2009), “a Palestina ou Terra Santa, ou Israel, como era chamada nos tempos de Jesus, possuía uma extensão territorial relativamente pequena, sendo uma estreita área situada entre a África, a Ásia e a Europa, funcionando como uma espécie de ponte entre essas regiões” (BASTOS, 2009, p. 105 apud SILVA, 2006). Talvez essa seja uma das mais belas estratégias divinas para seu povo, visto que Deus não só escolhera Israel como povo (Gênesis 12:1-3), mas também escolhera o que eles comeriam (Levítico 11), como eles se vestiriam (Números 15: 37-38/ Deuteronômio 22:12) e inclusive o lugar onde eles morariam (Deuteronômio 11:10-12).

O interessante da escolha geográfica de Deus é que Israel está localizado no Oriente Médio, logo pertence a uma confluência de continentes, eixo central que liga Europa, África e Ásia. Quando o Eterno decidiu por esse lugar, escolheu propositalmente, para que Seu povo fosse o “centro” do mundo (Jubileus 8:19). Assim, qualquer rota que passasse por esse eixo, conheceria o Deus de Israel e levaria sua mensagem para os continentes ao redor, como consta no livro de Ezequiel “Assim diz o Soberano, o SENHOR: Esta é Jerusalém, que pus no meio dos povos, com nações ao seu redor.” (Ezequiel 5:5). Há outros motivos para a escolha da geográfica de Deus, pode-se citar, dentre eles o que está relatado em Deuteronômio 11:10-12 quando o Eterno diz:

A terra da qual vocês vão tomar posse não é como a terra do Egito, de onde vocês vieram e onde plantavam as sementes e tinham que fazer a irrigação a pé, como numa horta.

Mas a terra em que vocês, atravessando o Jordão, vão entrar para dela tomar posse, é terra de montes e vales, que bebe chuva do céu. É uma terra da qual o SENHOR, o seu Deus, cuida; os olhos do SENHOR, o seu Deus, estão continuamente sobre ela, do início ao fim do ano (Deuteronômio 11:10-12).

O Senhor estava querendo ensinar ao Seu povo que eles deveriam depender exclusivamente dEle para sobreviver e cumprir o propósito para o qual foram chamados. É necessário destacar que ao anunciar como seria a terra para onde iriam, o Eterno realiza uma comparação entre a terra do Egito e a forma com que eles plantavam e colhiam para sobreviver. O sistema de irrigação egípcio, como relatado no texto acima, provia de desvio das águas do rio Nilo e aproveitamento de suas enchentes que geravam limo na terra, deixando-a mais fértil (ANDRADE, 2016). Eles desenvolveram um sistema de canais que usavam a água do Nilo quando estava na época de cheia, criaram também umas espécies de bacias cercadas por diques de madeira, que armazenavam a água excedente. Fato é que os egípcios muitas vezes carregavam água em baldes ou mesmo com um sistema de bombeamento (JACOBUCCI, 2020). Quando o Eterno propôs o local onde Seu povo se estabeleceria, propôs uma forma diferente de subsistência, e no texto (Deuteronômio 11:10-12) Ele explica que a terra para onde eles iriam, era terra que bebia água do céu e ainda ressalta que é uma terra que fica localizada entre montes e vales. Por que essas informações são importantes? Observando a topografia de Israel é mais fácil compreender o que Deus estava dizendo para eles.

É possível perceber, analisando um mapa topográfico, que a Terra de Israel é extremamente desnivelada e que as regiões montanhosas e os vales se encontram facilmente. O Mar da Galileia, aproximadamente a 230 metros abaixo do Mar Mediterrâneo e o Mar Morto, cerca de 400 metros abaixo do Mar Mediterrâneo, se configuram como os pontos mais baixos do planeta Terra (ANDRADE, 2016). O fato é que “as chuvas variam na Palestina (Israel) segundo a região, quanto mais próximas do Mediterrâneo, mais chuvas as terras recebem, pois, as montanhas atuam como uma barreira que detém os ventos úmidos do mar e as faz descarregar sobre as ladeiras ocidentais” (OSEIAS, 2008; BIBLIA ANOTADA). Com isso, as regiões da Galileia e arredores têm maior dificuldade em receber chuva e esse era o plano do Eterno. Em Deuteronômio 11:13 e 14, Ele explica:

Portanto, se vocês obedecerem fielmente aos mandamentos que hoje lhes dou, amando o Senhor, o seu Deus, e servindo-o de todo o coração e de toda a alma, então, no devido tempo, enviarei chuva sobre a sua terra, chuva de outono e de primavera, para que vocês recolham o seu cereal, e tenham vinho novo e azeite.

O Eterno estava ensinando que quem enviaria chuva do céu, no tempo certo seria Ele, assim como quem cuidaria das lavouras, das plantações, dos cereais, da terra do povo e de tudo que ali estivesse, era Ele. Não existe maior e mais linda promessa que essa feita pelo Senhor. Ele não se preocupa apenas com uma parte, mas se preocupa com o todo.

Nos tempos de Jesus, “[...] a terra de Israel encontrava-se dividida em áreas menores, sendo elas: Judéia, Samaria e Galileia, ao oeste; Ituréia, ao norte; Gualanítide, Batanéia, Traconítide, Auranítide, Decápole e Peréia, ao leste; e Iduméia ao sul” (BASTOS, 2009 apud SILVA, 2006). Como descreve Silva (2006):

Todo esse território era margeado pelo Mar Mediterrâneo, no extremo Oeste. Ao Leste estava o Rio Jordão que desemboca no Mar Morto, ao sul, entrecortando toda região havia uma cadeia de montanhas e montes com 600m de altura, sendo que os mais altos estavam situados na Galileia e no Hermon.

Cada detalhe da linda terra prometida era experimentado nos dias de Jesus, cada montanha com suas belezas distintas, desde a planície costeira até o planalto transjordânico, cada detalhe demonstra a diversidade e complexidade planejada por Deus. Um país tão pequeno, mas com tanto a oferecer, as planícies costeiras do mediterrâneo que cercam um mar azul cristalino, que repousa os raios quentes refletidos pelo sol, a beleza da vegetação baixa, em um verde pálido, misturado em tons pastéis, causados pelo vento oriental castigador.

Shephela, com seus longos campos, marcadas pelas ondas de vento nas plantações douradas de trigo, em contraste com o azul anil que se espalhava pela imensidão do céu. O vale de Jezreel conhecido por suas montanhas e vales verdes predominantes em sua extensão, “[...] é delimitado ao sul pelos planaltos de Samaria e pelo monte Gilboa, ao norte pela Baixa Galileia, ao oeste pela cordilheira do monte Carmelo e ao leste pelo vale do Jordão” (LAGES, 2012). Assim, a topografia nos mostra que “[...] estando no norte do país, o vale é servido por chuvas mais que o Negueve, ao sul, o que favorece a agricultura” (CAFE-TORAH, 2019; LAND OF THE BIBLE, 2018; BÍBLIA ANOTADA, 2020).

No fosso do Jordão, encontramos a paisagem mais conhecida do Segundo Testamento, onde, por muitas vezes, Jesus caminhou, descansou e partilhou sua sabedoria: O mar da Galileia. Apesar de ser conhecido como “mar”, esse é um pequeno território, uma pequena lagoa, que recebe água principalmente do rio Jordão e que afluí para o Mar Morto. A beleza é incomparável em sua pequena imensidão de 20 km de comprimento e 13 km de largura. Nesse lugar, muitas vezes Jesus falou ao povo e encontrou alguns de seus discípulos, convocando-os ao lindo ministério de pescadores de homens (Mt 4:19) (GARNIER, 1950; ANDRADE, 2016; ROPS, 2008).

Segundo Stegemann (2004), “a economia da Palestina, como a de todos os povos do mediterrâneo, era preponderantemente agrária”. Mas, segundo o autor, muitas variáveis faziam com que a população que vivia ao redor do Lago de Genesaré sofresse, especialmente as comunidades não ribeirinhas. Um ponto positivo é que na Galileia chovia mais do que na Judeia, mas, mesmo depois da “separação da região costeira e das cidades transjordânicas por Pompeu (na metade do século 1 a.C.)”, o comércio judaico enfraqueceu-se, e a maior parte da subsistência do povo era da pesca. Muitas histórias emocionantes aconteceram ao redor desse lago: o sermão da Montanha, a história do endemoninhado de Gadara, e tantas outras lindas histórias, tiveram esse pequeno lago como palco de seu desfecho (STEGEMANN, 2004).

Os Altos de Golã, com suas quedas d’água, seu ambiente mais frio, trazem a calma e o refrigério para os dias quentes de Israel. Essa paisagem contrastada com Nahal Zeelim, o deserto da Judeia, demonstram quão grandiosa é a variedade das cores e belezas daquele pequeno país. Nahal Amud com suas densas florestas espalham o verde escuro pelo Norte de Israel e trazem diversidade na flora do local.

O que falar de Jerusalém? Como escreveu o salmista: “Se eu de ti me esquecer ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita” (Sl 137:5). A despeito de ser uma pequena cidade, tinha um porte de nobreza tamanho, que impunha respeito a todos aqueles que por ali passavam. Longe de dar um ar místico a essa descrição, é necessário dizer que a terra de Jerusalém possui um clima diferente que gera saudade de uma pátria comum aos povos. Chegar em Jerusalém era como chegar à presença de Deus, pois, ali no alto do Monte Moriá, em meio as montanhas de clima ameno de Israel, o próprio Deus manifestara-se muitas vezes através do shekinah e de sua presença corpórea. O comentário rabínico afirma: “Quem não viu a Jerusalém jamais viu uma cidade realmente bela” (Tratado Sukkah, 51.6). Não existia melhor lugar para se contemplar a linda Jerusalém, se não no alto do Monte das Oliveiras. Esse lugar foi marcado, no primeiro século, pelo momento em que Jesus, contempla as fortalezas da mais bela cidade do mundo e afirma: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram

enviados! Quantas vezes Eu quis reunir os teus filhos como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vós não o aceitastes!” (Lc 13:34).

No meio dessa joia esculpida pelo tempo, através das próprias mãos do Eterno, estava o templo. Exuberante em sua forma, com seu enorme pináculo e compartimentos, de onde se podia ver toda a linda terra ao redor. Aquele templo possuía glória e honra maior que o primeiro templo, destruído por Babilônia, pois, ali pisara Deus encarnado. O historiador Henri Daniel-Rops (2008) se questiona: “Como os Israelitas poderiam deixar de amar sua terra?” e afirma:

O perfil das colinas em toda a parte é tão singular, puro e delicado que parece desenhado por mão de artista; existe ali uma perfeição somente comparável à de Atenas. Onde quer que seja, a relação dos planos, as distâncias remotas, imprimem uma harmonia secreta sobre a mente e a fazem voltar-se para a eternidade. Sob o céu azul profundo, as cores fulgem com extraordinária riqueza — o vermelho da terra dos vinhedos, o verde delicado das hortas, o ouro pálido da cevada madura, o amarelo-tostado do deserto; e sob o sol todas essas cores contrastantes se fundem num só brilho quente, e na sombra nos tons violeta do bronze. E para tornar ainda mais evidente a harmonia, aqui e ali grupos de ciprestes escuros se integram na paisagem; ou, de repente, a superfície trêmula dos olivais ressalta em azul (ROPS, 2008 p. 15).

Essa era a paisagem por onde Jesus andava, onde se desenrolou as histórias e milagres do Segundo Testamento e onde o ser humano caído teve a maior de suas experiências: em cima do monte do calvário, o amor morreu, mas a boa notícia é que naquela mesma terra santa, Ele ressuscitou nos garantindo a salvação.

3. Contexto Histórico do Segundo Testamento

Ao iniciarmos um estudo aprofundado sobre um tema, não podemos deixar de observar periféricamente sobre ele. Ao redor do nosso objeto de estudo, sempre existirão pistas e detalhes que nos ajudarão a montar o quebra-cabeça. Não é diferente quando o assunto é o passado e, principalmente, ao se tratar de um passado bíblico. O contexto histórico pode nos enriquecer na argumentação quanto à veracidade dos fatos levantados. Ao analisarmos o último livro profético da Bíblia Hebraica, Malaquias, nos deparamos com o período histórico da reconstrução de Jerusalém e a volta do cativo babilônico: “Esse livro foi escrito por volta do ano 425 AEC., no mesmo período de Esdras” (SDABC, 2012 p. 1123), sendo esse o último relato que temos antes dos evangelhos e da experiência emblemática do Messias. Fato é que temos um período de aproximadamente de 400 anos sem nenhum relato bíblico para a contextualização do Segundo Testamento. Por esse fato, nos aliamos à história afim de ter respaldo para a compreensão do momento em que viveu Jesus. Ao montar o cenário é possível compreender o quão instável foi a época em que Jesus nasceu, mas ao mesmo Paulo o denomina como a plenitude dos tempos (Gl 4:4), visto que esse é o período em que as possibilidades de crescimento e difusão do evangelho eram mais favorecedoras.

Arlé Cairns, comenta que os romanos e gregos são esquecidos como agentes auxiliares desse processo, mas que contribuíram muito para a preparação religiosa na ocasião da vinda de Cristo: “Os gregos e romanos ajudaram a levar o desenvolvimento histórico até o ponto em que Cristo pudesse exercer o impacto máximo sobre a história de uma forma até então impossível” (CAIRNS, 2008, p. 31). Em seu livro, Cairns (2008) enumera algumas razões pelas quais o Império Romano e o pensamento grego contribuíram para a expansão do cristianismo, sendo elas:

1) A lei de Roma, com sua ênfase na dignidade do indivíduo, e no direito deste a justiça e à cidadania romana, agrupava homens de diferentes raças a uma única organização política, e isso facilitou a difusão de um evangelho que pregava a unidade de uma espécie pecadora, carente de um Salvador;

2) A movimentação livre em torno do mediterrâneo teria sido difícil se Pompeu não tivesse varrido os piratas do Mediterrâneo e os soldados romanos não mantivessem a paz nas estradas da Ásia, África e Europa. Essa pacificação possibilitou as viagens missionárias dos primeiros cristãos, levando a mensagem em todo o mundo conhecido;

3) Os romanos criaram um ótimo sistema de estradas que iam do marco áureo no fórum a todas as regiões do império. Um estudo das viagens de Paulo mostra que ele se serviu muito desse sistema viário para atingir os centros estratégicos do Império;

4) O exército que promovia a paz das estradas e de todo império. Os soldados trabalhavam por turnos e rodízio, e muitos deles converteram-se ao cristianismo e levaram o evangelho às regiões para onde eram designados. É provável que o evangelho tenha chegado precocemente na Grã-Bretanha dessa forma;

5) As conquistas romanas levaram muitos povos a perder a fé em seus deuses, uma vez que eles não foram capazes de protegê-los dos romanos. Esse vácuo espiritual deveria ser preenchido;

6) O evangelho para ser universal precisava de uma língua universal, para promover impacto em todo mundo conhecido. O grego foi a herança linguística mais difundida nesses séculos, assim como o inglês é hoje;

7) A filosofia preparou o caminho para a vinda de Jesus, destruindo a ideia politeísta das religiões Greco-romanas até então existentes. Mas a filosofia não pôde suprir a necessidade espiritual das pessoas, que precisavam ter uma experiência real com o divino;

8) A filosofia grega ainda chamando a atenção do povo para uma realidade que transcendia o mundo temporal e visível em que viviam.

Em meio a todo esse cenário histórico, acontece o desenvolvimento dos evangelhos e da vida no Segundo Testamento. Todas essas mudanças comportamentais e influências externas sobre Israel geram uma difusão heterogênea do pensamento e afetam tanto religiosamente quanto politicamente a terra e o povo, onde o Segundo Testamento seria desenvolvido.

4. Contexto Sociopolítico e Religioso

A influência sociopolítica e religiosa é facilmente evidenciada pela pluralidade do pensamento judaico da época de Cristo. A disputa religiosa, política e econômica que havia sido acionada por Antíoco IV e continuada sob os hasmoneus foi apenas exacerbada pela política romana. Não constitui surpresa que a primeira resposta ao censo romano de 6 EC. tenha sido uma rebelião local liderada pelo fundador do partido zelote, Judas, o Galileu. É contra esse pano de fundo geral que devemos entender a divisão que surgiu no tempo dos hasmoneus entre um partido sacerdotal, aristocrático, e um partido mais religiosamente exclusivo, devoto, popular: os saduceus e os fariseus (WALKER, 2006, p. 24-25). Para melhor compreensão das informações, descreveremos de forma sucinta como aconteceu.

Alexandre, o Grande teve uma carreira breve como rei, mas deixou marcas na história que permanecem através dos séculos. Quando Alexandre morre em 323 AEC, suas conquistas se estendiam por todo mediterrâneo; o rei deu início a uma revolução cultural na antiguidade tanto no âmbito social quanto religioso (SCOTT, 2017; GUNDRY, 1985; TILLY, 2004). Skarsaune (2004) bem salienta que Alexandre e seus sucessores, sabiamente, não tentaram suprimir as divindades locais nem tampouco o culto a elas prestado. Com o passar do tempo, o resultado

foi um alto grau de sincretismo religioso. As religiões orientais foram helenizadas, porém a religião grega não ficou imune à influência das demais culturas.

No período grego, a cultura grega foi disseminada por meio das cidades Helênicas: as pólis, que eram cidades espalhadas pelo império cujo um dos objetivos era disseminar a cultura grega. Os gregos acreditavam que a vida nas pólis era a única referência dentro da qual seria possível a vida humana. Os gregos tinham sua cultura em um padrão muito elevado; aqueles que não haviam sido helenizados eram considerados bárbaros. Todo o judaísmo foi afetado pela cultura grega em maior ou menor medida; tanto os judeus da diáspora quanto os de Jerusalém.

A helenização na diáspora foi um processo que ocorreu em todos os lugares sob o domínio grego e até mesmo alcançou áreas sobre as quais a lança de Alexandre não se estendeu. Portanto, é complexa a distinção feita entre os judeus na Palestina e os outros sob o domínio grego; a maioria dos judeus no mundo se viu em um dos impérios gregos que se seguiram aos quarenta anos de luta dos sucessores após a morte de Alexandre (GRABBE, 2000; BORGER, 2003; SKARSAUNE, 2004).

Na Babilônia, uma grande parte da população falava aramaico, e a influência helenística era provavelmente menor do que em outros lugares, já que essa área foi tomada pelos partos após menos de um século de domínio grego. Mas muitos judeus também viviam no Egito, na Síria ou na Ásia Menor, geralmente em cidades de língua grega. Muitos perderam seus conhecimentos de hebraico e aramaico como, por exemplo, Filo, que claramente conhece pouco ou nenhum hebraico, certamente não o suficiente para usar a Bíblia no original. É por isso que a Septuaginta (LXX) foi originalmente criada: para fornecer uma Bíblia. os judeus de fala grega podiam entender (SCOTT, 2017; FISCHER, 2013; TILLY, 2004; ALVES, 2012). Mesmo aqueles que mantiveram um conhecimento de hebraico e aramaico não teriam escapado da forte influência de seu ambiente de fala grega. Esequias Soares (2009) observa que a LXX foi usada na própria sinagoga o que diz muito.

Sabemos dos judeus na diáspora de vários tipos de fontes. Primeiro vem alguma literatura dos judeus da diáspora, embora seja muitas vezes fragmentária. Em segundo lugar, sabe-se da presença de comunidades judaicas em vários locais antigos por causa de inscrições, por exemplo, de sinagogas. Apenas no Egito alguns documentos escritos em papiros sobreviveram. Uma terceira fonte são as referências a comunidades judaicas em fontes literárias, como Josefo e os escritores greco-romanos.

Os escritos dos judeus na diáspora nem sempre podem ser separados facilmente dos judeus palestinos que escolheram escrever em grego. No entanto, é geralmente aceito que 2 Macabeus foi o epítome de uma obra maior escrita por um judeu da diáspora, Jasão de Cirene. Filo de Alexandria deixou um material extremamente valioso, não apenas sobre a interpretação judaica da Bíblia, mas também muitas referências passageiras à comunidade alexandrina. Outros escritos, por falantes de grego, incluem a Sabedoria de Salomão, Oráculos Sibílicos 3-5, Testamento de Abraão e 4 Macabeus. Alguns dos escritores judeus fragmentários em grego foram escritos na diáspora, embora alguns deles fossem provavelmente escritos na própria Palestina. A tradução de literatura de originais semíticos também parece ter se tornado um grande esforço, provavelmente principalmente na diáspora, produzindo traduções gregas de Ben Sira, 1 e 2 Enoque, Tobias, Testamentos dos Doze Patriarcas, Salmos de Salomão, sem mencionar a Bíblia.

O que se encontra em toda essa literatura, a maior parte religiosa, é a adoção de dispositivos literários e modos de comunicação gregos. Isso não significa que a religião em si tenha sido comprometida, mas a maneira de expressar essa religião foi adaptada às características retóricas e literárias do veículo em que foi transmitida, a saber, a literatura grega (GRABBE, 2000).

Enquanto na Palestina, assim como qualquer outro povo da região sírio-palestina, os judeus da palestina foram influenciados pela helenização. Assim, pode-se dizer que, desde algum tempo bem no início do período grego, “todo judaísmo deve realmente ser designado ‘judaísmo helenístico’ no sentido estrito”. A administração grega alcançou os níveis mais baixos da sociedade, e o grego, a língua, era amplamente (embora não exclusivamente) a linguagem da administração. Um conhecimento do grego era uma maneira de se elevar no mundo e alguns, evidentemente, acharam outros aspectos do estilo de vida grego atrativos. Assim, com o passar do tempo, a identidade grega mudou de ênfase na descendência étnica para uma de língua e educação (GRABBE, 2000, p. 612). Alguém com um bom conhecimento da língua e uma educação grega poderia atingir melhores posições sociais, mesmo que não nascesse grego. Hans Borger (2003) destaca que Judá ficou livre da influência helênica, todavia ele deixou de observar o que foi destacado acima. É evidente que o povo de Judá foi menos afetado que o da diáspora, mas como salientado anteriormente não ficou totalmente ileso. O próprio Borger (2003) reconhece que os sofrim receberam grande influência do pensamento de Sócrates.

Encontra-se, então, uma situação complicada. Todos os judeus na Palestina entraram em contato com a administração grega, enquanto muitos aprenderam um pouco de grego e alguns aprenderam bem. Mas, além do modo de vida daqueles que eram cidadãos de uma cidade grega, a influência grega era mais evidente nas áreas de literatura e arquitetura. A influência na literatura poderia ser muito sutil, embora, como já foi notado, muitos escritos judaicos desse período foram escritos ou traduzidos para o grego.

Neste contexto de helenização aparece uma das figuras mais antissemitas da história: Antíoco IV (175–164 AEC.). Os judeus podiam praticar sua religião sem ser incomodados, mas isso mudou com Antíoco IV, pois ele tenta uma investida contra o Egito, mas por temor de Roma retrocede e no seu retorno se volta contra Jerusalém. Quando Antíoco IV obteve posse de Jerusalém, muitos do partido oposto foram mortos; e quando ele havia saqueado uma grande quantia, retornou a Antioquia (JOSEPHUS, 1996, 253).

Para apressar o andamento da helenização, Simeon bem Tobias depõem o sumo sacerdote Onias III; colocando no seu lugar Jason. Um dos homens mais agressivos da ala helenizadora. Este tinha o apoio de Antíoco IV. Com o trabalho e opressão desses homens em 172 AEC. Jerusalém é proclamada uma pólis. Em 168 AEC. Antíoco tentou eliminar o culto ao Deus de Israel. O rei construiu um altar de ídolos no altar de Deus, ele matou um porco, e assim ofereceu sacrifício, nem de acordo com a lei, nem com o culto religioso judaico daquele país. Além de também os compelir a abandonar a adoração que pagaram a seu próprio Deus e a adorar aqueles que ele considerava serem deuses; e os fez construir templos e erguer altares ídolos em todas as cidades e aldeias e oferecer suínos sobre eles todos os dias (JOSEFO, 1996; GUNDRY, 1985; SCOTT, 2017). Os rolos da Lei foram queimados e quem possuísse rolos da Torá era morto. Mães que circuncidavam seus filhos eram assassinadas (1 Macabeus 1.44–64).

O antissemitismo era uma realidade vivida e intensa para os judeus da época. Aqueles que contrariavam as atitudes do rei eram açoitados com varas. A(s) causa(s) desta tirania a dúvida continuará a ser debatida por muito tempo sem uma solução clara, mas não há dúvida de que o governo selêucida tentou proibir as práticas religiosas judaicas na Palestina (não está claro que os judeus fora Judéia foram afetadas). Apenas a revolta dos Macabeus trouxe uma revogação do decreto. Necessário também é salientar que alguns que estavam em Jerusalém nesta época participaram do processo de helenização por livre vontade:

Por esses dias surgiram de Israel indivíduos ignóbeis que seduziram a muitos, dizendo-lhes: “Vamos! Aliemo-nos às nações que os cercam, pois, depois que delas nos separamos, sobrevieram-nos muitos males”. Agradou-lhes tal arrazoado, e alguns de entre o povo apressaram-se a ir ter com o rei, o qual lhes deu autorização para observar

as práticas das nações [ou, dos gentios], conforme os usos delas. Construíram, pois, um ginásio em Jerusalém, refizeram o seu prepúcio, renegaram a aliança santa para se associarem aos pagãos e venderam-se para fazer o mal (1 Macabeus 1.11-15).

Muitos judeus permaneceram fiéis ao Deus de Israel praticando seu culto devidamente. Os habitantes de Mondin que não haviam se submetido ao decreto do rei continuaram a oferecer seus sacrifícios. O livro de 1 Macabeus registra o momento em que os emissários do rei chegam até o velho sacerdote Matatias para que esse ofereça um sacrifício de acordo com os requisitos do rei. Matatias se recusa, mas um judeu se atreveu a fazer o sacrifício. O velho sacerdote tomado de ira derrubou o altar e assassinou o funcionário do rei que ordenava o sacrifício (1 Macabeus 2. 17–28). Matatias, após este feito, convida todos os judeus tementes a Deus a fugirem para as montanhas com ele. Se esconderam em cavernas com seus filhos e esposas, mas quando os generais do rei souberam disso, tomaram todas as forças que tinham na cidadela de Jerusalém e perseguiram os judeus no deserto; e, quando os alcançaram, em primeiro lugar, esforçaram-se para persuadi-los a se arrependerem e a escolher o que mais lhe servia de vantagem, sem colocá-los na necessidade de usá-los de acordo com a lei da guerra; mas quando eles não obedeceram às suas convicções, mas continuaram a ter uma mentalidade diferente, lutaram contra eles no dia de sábado e os queimaram como estavam nas cavernas, sem resistência, e sem tanto quanto parando as entradas das cavernas. Eles evitavam se defender naquele dia, porque não estavam dispostos a romper a honra que eles deviam ao sábado, mesmo em tais aflições; porque a lei requeria que descansassem naquele dia (JOSEPHUS, 1996, p. 260–276).

Havia cerca de três mil, com suas esposas e filhos, que foram sufocados e morreram nessas cavernas; mas muitos dos que escaparam juntaram-se a Matatias e o nomearam para ser seu governante (JOSEFO, 1996). Era o início da revolta Macabéia; Matatias sendo avançado em idade faleceu pouco depois do início da revolta. Judas Macabeu, seu filho, se tornou o líder da revolta. Judas expulsou seus inimigos da terra que transgrediram suas leis, e purificaram a terra de todas as poluições que estavam nele. Em 164 AEC, o templo foi reconsagrado, data posteriormente celebrada no feriado de Hanuká (festa das luzes), no estabelecimento de um estado judaico parcialmente autônomo e reconhecido pelos sírios e, mais tarde, “em um estado judeu independente, que perdurou até a conquista romana em 63 AEC” (SKARSAUNE, 2004, p. 17).

Skarsaune (2004, p. 17) faz um questionamento importante: “o que estava em jogo nessa revolta?” A resposta parece óbvia: A insurreição dos Macabeus representava a autodefesa do judaísmo contra a “helenização” forçada implementada por Antíoco IV. A revolta macabéia tornou explícita a incompatibilidade entre judaísmo e helenismo” (BRUCE, 1988; GUNDRY, 1985; SATRAN, 2009; SKARSAUNE, 2004; STERN, 1996).

Oskar Skarsaune (2004, p. 27) destaca a importância da revolta macabéia acentuando que se não fosse esta o judaísmo teria sido extinto. É no período dos Macabeus que surgem os termos helenismo e judaísmo. Esses representavam dois estilos de vida diferentes. Com esse contexto em mente não é difícil o leitor atento entender por que alguns Judeus conseguiram incitar o povo contra Paulo tão rapidamente ao afirmarem que o apóstolo teria introduzido um grego incircunciso no templo (At 21.28–29); sabendo do amor do povo pelo templo e de toda história usaram a boa fé do povo para prejudicar Paulo.

Quando Paulo diz: “E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais.” (Gl 1.14); ele queria observar que era extremamente preocupado com a pureza de seu povo, ou seja, ele vivia de acordo com a Torá e não queria ver o seu povo imerso no helenismo. James Dunn (2003, p. 401) observa acertadamente:

O “judaísmo” é apresentado como um ponto de união para a resistência aos sírios e para um levantamento da identidade nacional como povo da aliança do Senhor. Dito de outra forma, “judaísmo” foi cunhado como um título para o defender ao contrário do helenismo” (2Mc 4,13). Em outras palavras, o termo “judaísmo” parece ter sido cunhado como meio para dar enfoque à determinação dos patriotas. Não era, simplesmente, descrição neutra da religião dos judeus, como poderíamos compreender hoje.

Esse contexto histórico permite ao pesquisador concluir que judaísmo no período do Segundo Templo era um estilo de vida e não um dogmatismo. Não só Dunn (2003) percebeu essa verdade como visto acima, mas também Skarsaune (2004). Após a morte de Judas Macabeus, todos os ímpios e aqueles que transgrediram as leis de seus antepassados, ressurgiram na Judéia, e cresceram sobre eles, e os afligiram de todos os lados. A fome também ajudou a iniquidade deles e afligiu o país, até não poucos, que por falta de bens necessários, e porque eles não foram capazes de suportar as misérias que tanto a fome quanto seus inimigos trouxeram sobre o povo, abandonaram seu país e foram para os macedônios.

Josefo observa que nesta época Jônatas, irmão de Judas, passou a liderar o povo e um exército judeu. Com Jônatas no comando foi possível expandir o território e conquistar a independência. “Jônatas fez vários acordos e alianças com vários países, com Esparta e inclusive com a potência da época, a República Romana, para que fosse reconhecida a situação de Israel como nação livre perante o império selêucida (1996, 13.1:1–3. Jônatas prosseguiu com a revolta, até que no ano de 153 AEC, ganha o cargo de sacerdote de Israel por decreto de Alexandre Balas, rei selêucida”. Embora a família dos hasmoneus não fosse da linhagem de Zadoque permaneceram sacerdotes até o período da ocupação romana em 63 AEC. (GUNDRY, 1985, p. 9–10; SCOTT, 2017, p. 86–87 SKARSAUNE, 2004, p. 42). A primeira vez em que grupos como fariseus e saduceus são mencionados é no período em que Jônatas governava ao que parece esses partidos já existiam anteriormente e provavelmente tiveram um papel no combate ao helenismo (JOSEPHUS, 1996, 13:171–173; SALDARINI, 2001, p. 4; SCOTT, 2017, 87; BULL, 2009, p. 215).

João Hircano (134 – 104 AEC.) é um nome importante na dinastia hasmonéia, pois, durante seu governo algumas controvérsias marcaram o judaísmo do Segundo Templo. Controvérsias que talvez tenham dado origem a comunidade de Qumran; Hircano deu início a uma política de conquista, usando mercenários helenistas, bem como soldados judeus. Anexou áreas a leste do Jordão, a idumeus ao sul e as terras samaritanas até Citópolis (Bete-Seã), ao norte. Os idumeus foram forçados a aceitar a circuncisão e a viver de acordo com a lei judaica. Hircano destruiu o templo samaritano no monte Gerizim em 108 e, posteriormente, a cidade de Samaria. Josefo (JOSEPHUS, 1996, 10: 284 – 298) inclui uma história na qual João Hircano deixa de lado a lealdade aos fariseus e passa a ser leal aos saduceus. No início, Hircano favoreceu os fariseus, mas os rejeitou para apoiar os saduceus. Sob a liderança de Jason os escribas foram removidos de seus cargos, porém com a revolta de Judas Macabeus esses retomaram suas funções e nesse período os chassidim ou Assideu reacenderam aos seus lugares de professores da Lei (Torá) sob o nome de fariseus (MANSOOR, 1945; PUIG, 2006; SCHÜRER, 1985; VERMES, 1997).

Os fariseus queriam que a Lei fosse a norma do povo em todas as áreas da vida, isto é, religiosa, ritual, econômica e social. Os fariseus criam tanto na lei escrita por Moisés como na oral (Torá she – be’ alpé) que Moisés também teria recebido no Sinai (LENHARDT, 1997). O governo hasmoneus sob a direção de João Hircano se tornara corrompido, assim como o sacerdócio. Hircano precisava do voto do sínédrio para suas atividades políticas e como não possuía o apoio dos fariseus devido sua má gestão, os destituiu colocando em seu lugar os saduceus que concordavam com sua política - nesse contexto histórico é que, possivelmente,

surgiu a comunidade de Qumran um grupo que se afastou da sociedade de então por conta das corrupções religiosas e sociais (NICKELSBURG, 2011, p. 240–241).

No governo de Alexandra, os fariseus retomam o sinédrio e conseguem exercer um nível de influência significativo e se tornaram inimigos da dinastia hamonéia, por esse motivo surge a forte inimizade entre fariseus e saduceus. O maior líder fariseu da época, Simeon ben Shetach, era irmão de Alexandra. Após a morte de Alexandra em 67 AEC irmãos Hircano II e Aristóbulo lutavam pelo direito do trono quando em 63 AEC três delegações judias buscam a Pompeu, general romano em Damasco. Duas das delegações reivindicavam a ajuda de Pompeu para resolver o problema dos irmãos. A terceira delegação dizia representar o povo (BORGER, 2003; BULL, 2009; SKARSAUNE, 2004; SCOTT, 2017). Josefo (1996) registra a queixa dessa terceira:

[...] Damasco; e lá foi que ele ouviu as causas dos judeus, e de seus governantes Hircano e Aristóbulo, que estavam em diferença uns com os outros, como também da nação contra os dois, que não desejavam estar sob governo real. porque a forma de governo que receberam de seus antepassados era a de sujeição aos sacerdotes daquele Deus a quem eles adoravam; e [eles reclamaram], que embora esses dois fossem a posteridade dos sacerdotes, ainda assim eles procuraram mudar o governo de sua nação para outra forma, a fim de escravizá-los (JOSEFO, 1996, 14:41-42).

No outono de 63 AEC, Pompeu tomou Jerusalém; sob o governo do Romano o povo obteve paz por um período. Os Romanos respeitavam o judaísmo por sua antiguidade e admiravam a religião judaica. Durante algum tempo o povo viveu em harmonia com os Romanos, mas em 37 AEC, chega ao trono Herodes, o Grande.

Com o governo de Herodes a “lua de mel” entre judeus e Romanos acaba; Herodes foi um dos maiores helenizantes do povo. Na estreia de seu governo houve a ordem a morte de quarenta e cinco fariseus do sinédrio os acusando de sentimento pró-hasmonéus. O povo também vivenciou, neste período, um avanço significativo na segurança pública e nas construções. Herodes construiu cidades, aquedutos, pontes, estradas, teatros, ginásios entre outros. Além de ampliar generosamente o templo de Jerusalém, porém em seu desconhecimento da religião judaica colocou uma águia romana sobre os portões; seu falecimento se deu em 4 AEC por uma doença no intestino (GUNDRY, 1985; BORGER, 2003; SKARSAUNE, 2004; TILLY, 2004).

Estes séculos de guerras e debates deram a moldura ao judaísmo do Segundo Templo no qual tanto a Jesus quanto os apóstolos viveram. A compreensão desse contexto pode ajudar o leitor do Segundo Testamento a entender, por exemplo, porque os judeus do período de Jesus não se relacionavam com os samaritanos, porque tinham tanta resistência aos gregos e sua cultura ou porque fariseus e saduceus tinham um relacionamento tenso. Jesus de Nazaré estava dentro deste contexto e como religioso se envolveu em debates religiosos que se formaram no decorrer de séculos.

O judaísmo do Segundo Templo contava com a existência de mais de vinte cinco grupos religiosos; nenhum deles tinha o monopólio e viviam em constante debate (BOYARIN, 1999; SKARSAUNE, 2004; SALDARINI, 2001). Como os samaritanos já foram tratados de forma significativa acima esta parte não os incluirá, mas reconhece sua importância na época de Jesus. A seguir trataremos dos seguintes grupos Escribas, Fariseus, Saduceus e Essênios (ou Zadoquitas):

1) Escribas: Quando a religião judaica enfrentou uma das maiores crises nos séculos VI e IV AEC, houve a necessidade de se reinventar para sobreviver. Uma figura fundamental nesse contexto foi Esdras, o sacerdote, escriba e estudioso (7:11). Ele é descrito na tradição como aquele que reestabeleceu a religião judaica. No mundo antigo quase toda corte tinha seus

escribas que eram, sobretudo, copistas. No entanto, os escribas em Israel, após Esdras, passaram a ser vistos como mestres da Lei. Isso se deve ao fato de seu conhecimento sobre ela; no processo de copiá-la os escribas se tornaram peritos. No início os escribas tinham um lugar ao lado dos sacerdotes e com o tempo muitos se tornaram sacerdotes. Quando o sacerdócio se deixou levar pelo helenismo os escribas adquiriram um lugar de destaque na vida do povo; como conhecedores da lei a ensinavam para a população de forma que lhes era possível cumprir na vida cotidiana. É comum imaginar que todos os escribas faziam parte de um grupo e tinham em comum a mesma ideologia, porém não era assim. Havia escribas que eram fariseus (Lc 5.30; Mc 2. 16) e outros que estavam alinhados com os sacerdotes (Mt 2.4; 20.18). É evidente que na época de Jesus os escribas estavam afiliados a diversos partidos existentes. Alguns dos escribas mais famosos foram Hillel e Shammai. Estes eram fariseus contemporâneos de Jesus de Nazaré (SALDARINI, 2001; SCOTT, 2017).

2) Fariseus: Como visto anteriormente, são mencionados pela primeira vez no tempo em que Jônatas governava, isto é, 152 AEC. Provavelmente surgiram um pouco antes, porém não é possível afirmar seguramente o período exato. “Os fariseus eram um grupo leigo, heterogêneo e piedoso. Falavam a língua do povo, identificavam-se com suas vicissitudes e aspirações” (MIRANDA; MALCA, 2001; SCHÜRER, 1985). O Segundo Testamento registra alguns debates entre Jesus e alguns fariseus, isso fez com que durante séculos cristãos tivessem a percepção dos fariseus como hipócritas. O historiador George Knight (2016) bem observa que os cristãos precisam rever seus conceitos sobre os fariseus pois não é possível delimitar a religião farisaica com base unicamente no Segundo Testamento. Este não se propõe a fazer uma análise histórica do farisaísmo, pelo contrário os escritores descrevem alguns debates entre Jesus e os fariseus.

Como em todas as religiões, comunicações e sociedades, nem todos os fariseus viviam de acordo com seus elevados princípios, conforme relatos da Mishná e do próprio Talmud (MIRANDA; MALCA, 2001). O fato de Jesus debater e até chamar alguns fariseus de hipócritas causa angústias em algumas pessoas; é necessário salientar que os fariseus debatiam entre si e se autocriticavam. Algumas referências do Segundo Testamento os destacam como “hipócritas” ou “descendentes” de víboras” (Mateus 3: 7; Lucas 18: 9 etc.) são aplicáveis para todo o grupo. No entanto, os líderes estavam bem conscientes da presença do insincero entre seus números, descritos pelos próprios fariseus no Talmud como “pontos doloridos” ou “Pragas do partido farisaico” (b. SOTA 3: 4 e 22b). O Talmud registra ainda outras críticas de fariseus feitas a fariseus de hipocrisia:

[C] há sete tipos de fariseus [p’rushim]: o vistoso [Fariseu], o altruísta [Fariseu], o guarda-livros [fariseu], o lavrador [o fa-riseu], o [fariseu], o temente [fariseu]; amando [fariseu].

[D] O “vistoso [fariseu]” carrega suas boas ações no ombro [para mostrá-las].

[E] O “arrogante fariseu” diz: “Espera por mim. Eu estou [ocupado usando meu tempo] para cumprir os mandamentos! [Eu não tenho tempo para você.]”

[F] O “contador [Fariseu]” paga cada dívida [isto é, pecado] executando um mandamento [boa ação].

[G] O “fariseu” parcimonioso diz: “Do pouco que tenho, o que posso reservar para executar mandamentos?”

[H] O “pagando [fariseu]” diz: “Diga-me que pecado cometi e executarei um mandamento para compensá-lo”. [esses cinco tipos são modelos negativos, pomposos e ostensivos.]

[I] O temente [Fariseu] Jó. O “amoroso” [fariseu emula] Abraão. E ninguém é mais amado por Deus do que o “amoroso” [fari-seu que emula] Abraão.

[J] Abraão, nosso antepassado, transformou até mesmo o desejo maligno [dentro dele] em bem. Como está escrito: “E em contraste o seu coração (sugerindo mais de um) fiel diante de ti” (Ne 9: 8). [ambos os seus desejos de corações eram fiéis.]

[K] disse R. Aha, “Ele fez um acordo [com seu desejo maligno para que ele pudesse controlá-lo. Como diz: “E fiz com ele o pac-to etc.” (J. BERAKOT, 9.5).

A crítica à hipocrisia não se restringe a Jesus, mas também parte dos próprios fariseus. Assim, taxar todos os fariseus como hipócritas é um engano; os fariseus que foram advertidos por Cristo e por outros fariseus não são a medida da religião farisaica, ou seja, não são a base para descrever o farisaísmo. Brad Young (1995, p. 245-249) bem observa que o estereótipo negativo dos fariseus construído ao decorrer da história faz com que os cristãos muitas vezes interpretem o texto do Segundo Testamento de forma errônea. Acadêmicos, depois de tomar conhecimento do farisaísmo como realmente ele era, tem chegado à conclusão de que o próprio Cristo era um fariseu, um dos tementes a Deus, pois como Skarsaune (2004) observa os característicos debates entre Jesus e fariseus têm uma característica intrafarisaica. O evangelho de Mateus (23:3) indica que para Jesus a mensagem farisaica não era um problema; o problema estava na hipocrisia de alguns fariseus. O farisaísmo era um partido complexo de muitas opiniões e, portanto, poderia compreender as opiniões de Jesus (SKARSAUNE, 2004; BRONSTEIN, 2003).

Os fariseus foram um grupo muito importante para o judaísmo do Segundo Templo, pois eles mantiveram o judaísmo vivo após a destruição do templo em 70 EC. As várias seitas foram desaparecendo com o tempo, mas o farisaísmo continuou e deu origem ao judaísmo rabínico (MIRANDA; MALCA, 2001).

3) Saduceus: Os saduceus eram um importante grupo na época de Jesus, porém pouco se sabe sobre este grupo. Como visto anteriormente, os saduceus nasceram no meio da grande crise resultante do programa de helenização de Antíoco IV e da reação que protagonizou o movimento dos chassidim. Os saduceus, por outro lado, pretendiam assimilar a herança dos sadoquitas, ou seja, das famílias sacerdotais entre as quais era eleito o sumo-sacerdote. Os saduceus cuidavam do serviço do templo. As crenças dos saduceus estavam em oposição a dos fariseus até o tempo da destruição de Jerusalém em 70 EC. A principal diferença entre os fariseus e os saduceus era em relação à Torá. A supremacia da Torá foi reconhecida por ambas as partes. Contudo, os fariseus designaram para a Lei Oral um lugar de autoridade lado a lado com a Torá escrita e determinada sua interpretação, enquanto os saduceus se recusavam a aceitar qualquer preceito como ligação, a menos que fosse baseado diretamente na Torá. A luta teológica entre as duas partes, foi na verdade, uma disputa entre dois conceitos de Deus. Os saduceus procuraram trazer Deus para o homem. Seu Deus era antropomórfico e a adoração oferecida a ele era como uma homenagem paga a um rei ou governante humano. Os fariseus, por outro lado, procuraram elevar o homem a alturas divinas e aproximá-lo a um Deus espiritual e transcendente. Os saduceus, portanto, rejeitaram o sobrenatural farisaico, alegando que eles não tinham base na Torá. Os saduceus também negaram a doutrina da ressurreição do corpo; historicamente, os saduceus ficaram sob a influência do Helenismo e depois estavam em boa posição com os governantes romanos, embora impopular com as pessoas comuns, de quem eles mantiveram-se distantes. A hierarquia dos saduceus teve sua fortaleza no Templo, e foi apenas durante as duas últimas décadas de existência do Templo que os fariseus finalmente ganharam controle. Desde que todo o poder e razão de ser dos saduceus estavam ligados ao culto do Templo, o grupo deixou de existir após a destruição do Templo em 70 AEC. (MANSOOR, 1945; PUIG, 2006).

4) Essênios: Os Essênios são citados por Flavio Josefo, Filo de Alexandria entre outros; geralmente, se identifica esse grupo com a comunidade de Qumran. É difícil determinar com segurança que a comunidade de Qumran e os Essênios são o mesmo grupo por existirem algumas dessemelhanças. Uma dessas dessemelhanças diz respeito ao celibatário; tem se

defendido que os Essênios eram celibatários quando na verdade a arqueologia demonstrou que a seita de Qumran não se abstinha do casamento, pelo menos não totalmente.

A erudita israelense Rachel Elijor (2020), observa que os chamados Manuscritos do Mar Morto têm características sacerdotais e de fato os portadores desses textos se identificavam como “filhos de Zadoque”. Não há menção nos manuscritos aos supostos Essênios de Josefo. Elijor (2012) após mais de uma década de pesquisa concluiu que os manuscritos pertenciam aos Zadoquitas. Esses parecem ser um grupo de sacerdotes que decepcionados com a política dos governantes hamoneus decidiu ir para o deserto. Elijor (2012) destaca:

Em contradição a essa luta sacerdotal demonstrada nos pergaminhos, nenhuma identidade sacerdotal explícita é mencionada por Filon, Plínio e Josefo, nenhuma aliança é mencionada, nenhum assunto de calendário é discutido, nenhuma lei sacerdotal referente ao Templo e os ritos dos sacrifícios são discutidos. relógios sacerdotais e nenhuma liturgia angelical-sacerdotal são mencionados e Jerusalém, a cidade escolhida de Deus, um tema central em muitos dos pergaminhos, não está associada aos essênios. Em outras palavras, nenhum assunto que é atestado ricamente nos Manuscritos do Mar Morto é descrito em qualquer relação significativa com os essênios.

Para Steve Mason (2007), renomado especialista em Josefo, os Essênios seriam uma criação literária do escritor. Mason (2007) argumenta que o texto mais longo sobre os supostos Essênios está em Guerras Judaicas uma obra escrita no período Flaviano, já mencionado anteriormente. Após a destruição, no ano 70 EC. os judeus estavam sendo humilhados pelos romanos, eles não tinham nenhum crédito. Josefo ao escrever pinta os Essênios como um modelo de sociedade judaica e os descreve com características gregas. Os Essênios de Josefo são verdadeiros espartanos. O objetivo de Josefo ao fazer isso, segundo Mason (2007), é reestabelecer a dignidade judaica entre os Romanos. Steve Mason (2016, 104) salienta que:

Em apoio a este tema Josefo frequentemente emprega uma linguagem espartana de treinamento, disciplina, ordem, coragem, resistência, destreza viril e desprezo pela morte; esta última aparecendo com mais frequência na guerra do que em qualquer outro texto antigo conhecido. Passagem muito discutida de Josefo sobre os essênios, “Legião” (2.119-61) tem a maior concentração de linguagem espartana em seu corpus. Sua seção mais longa (e menos discutida) diz respeito ao desprezo pela morte: “Sorriem em suas agonias e zombam de quem estava infligindo as torturas, eles costumavam despedir alegremente de suas almas” (2.151-58). O tema continua na Guerra, enquanto observamos pessoas comuns desnudando seus pescoços à espada, em vez de violar a lei ancestral (2.174, 196). Vespasiano fica maravilhado com a coragem de um judeu capturado que, segurando sob todo tipo de tortura, finalmente “encontrou a morte com um sorriso” em uma cruz (3.320-21).

Assim, os Essênios de Josefo não são descritos como não tendo algum tipo de interesse em questões sacerdotais, ao contrário dos Zadoquitas de Qumrã, que eram extremamente preocupados com essas. Tais discrepâncias, no que tange ao conteúdo dos manuscritos e a arqueológica, indicaram que a seita do Mar Morto não eram os supostos Essênios. Elijor (2002) põe em dúvida a existência de tal grupo e o estudo de Mason (2007) indica a mesma conclusão. Portanto, não é estranho que não exista referência aos essênios na literatura rabínica, ou no Segundo Testamento.

Dados arqueológicos datam o surgimento dos Zadoquitas por volta de 150 a 140 AEC, período que corrobora com a sugestão vista de que a comunidade de Qumrã tenha surgido no período de João Hircano. Essa comunidade era formada por sacerdotes Zadoquitas e leigos. O Documento de Damasco descoberto na Geniza do Cairo e publicado em 1910 é uma obra

fundamental para o conhecimento desta comunidade (VERMES, 1996; SKARSAUNE, 2004; SCOTT, 2017; MANSOOR, 1945).

5) Zelotes: os Zelotes era o partido mais enérgico existente em Israel. Flávio Josefo os identifica como a “quarta filosofia”, pois eles apoiavam a ação militar contra os Romanos como resistência política e religiosa, com o objetivo de restaurar o estado independente de Israel. Essa resistência fomenta a grande primeira guerra dos Judeus com os Romanos (66-73 EC), a guerra dos Macabeus. Toda essa divergência sociopolítica e religiosa permeava o pensamento judaico da época, gerando inúmeros conflitos de opinião e interesse. Nesse contexto, Jesus aparece com uma mensagem de restauração espiritual e restauração da fé. A maior parte dos judeus aguardavam uma restauração política, enquanto muitos outros já não sabiam mais o que esperar, visto que a fé e o pensamento estavam distorcidos e segmentados.

5. Considerações Finais

O desenvolvimento histórico do Judaísmo do Segundo Templo como visto acima é de suma importância para o período do Segundo Testamento, pois é nesse contexto histórico que os debates se desenvolvem. Uma característica marcante do judaísmo eram os debates infintos; diversos acadêmicos perceberam o caráter múltiplo do judaísmo. Na época de Jesus de Nazaré existiam “judaísmos” e não “judaísmo”; não existia um judaísmo dogmático muito pelo contrário, havia muitas visões diferentes sobre diversos temas. Como bem salientou Oskar Skarsaune (2004, p. 100-101) o “judaísmo” era mais um estilo de vida do que uma religião dogmática. Os principais grupos escribas, fariseus, saduceus, zelotes entre outros viviam em constante debate e isso era natural para a época” E continua nos lembrando que “embora existissem debates teológicos no período do Segundo Templo, a religião era mais ortopraxia (comportamento e ações) do que ortodoxa (sã doutrina); essa característica é significativa para o retrato “dos judaísmos”.

O estudante que desconhece esse contexto pode ser tentado a pensar que Jesus e seus discípulos estavam rompendo com o judaísmo ao discordar de determinadas visões teológicas da época. Fato é que isso não aconteceu, tanto Jesus quanto seus discípulos estavam envolvidos em debates assim como a grande maioria dos judeus religiosos da época. Os especialistas em Segundo Testamento Wilson Paroschi e James D. Dunn bem notaram isso ao destacar que a igreja apostólica nunca pensou ser algo a parte do judaísmo; a igreja pensava estar vivendo o clímax do judaísmo (PAROSCHI, 2011, p. 353; DUNN, 2009, p. 360–365). Por cinco décadas após a ascensão de Jesus de Nazaré a igreja viveu como um grupo que compunha o judaísmo, foi só após a destruição do templo e o início do judaísmo rabínico que a separação começou (PAROSCHI, 2011, p. 360).

Essa separação foi gradativa e ganhou mais força em 135 d.C. com a revolta de Bar Kokhba. Tal revolucionário alegava ser o messias, como os cristão não o apoiaram, a divisão aumentou significativamente nessa época. No segundo século essa divisão havia ganhado uma força singular e teve seu ápice no terceiro e quarto século. O cenário histórico do primeiro século foi importante para o crescimento dos seguidores de Jesus; a multiplicidade de judaísmos permitiu que esse novo grupo crescesse significativamente. O judaísmo era respeitado no império Romano por sua antiguidade, embora existissem algumas desavenças, como a liberdade de culto, diferente de outros grupos. Essa liberdade garantiu aos seguidores de Jesus liberdade de expressão por algum tempo o que foi fundamental para as proporções que esse grupo tomou. Judaísmo e Cristianismo parecem ser religiões irmãs; irmãs que estão brigadas. Tanto o judaísmo rabínico quanto o Cristianismo têm suas origens no judaísmo do

Segundo Templo. Nem as perseguições da Idade Média ou Luterana podem esconder essa verdade; o caminho para ambos os grupos é o estudo acurado das Escrituras e da história.

Referências

ANDRADE, C. **Geografia Bíblica**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2016.

BASTOS, P. Jesus de Nazaré e a Palestina do seu tempo: Uma Análise do Jesus histórico em relação à opressão econômica, social e política. **CES Revista**: V. 23, nº1, p.103-113, 2009.

BÍBLIA ANOTADA. **Esdraelom Significado**. Disponível em: <https://bibliaanotada.com.br/significado/esdraelom>. Acesso em: 08/10/2021.

BORGER, H. **Uma História do Povo Judeu Volume 1**: de Canaã à Espanha. São Paulo: Sêfer, 2003.

BULL, K. M. **Panorama do Novo Testamento**: história, contexto e teologia. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

BRONSTEIN, H. Conversando sobre a Torá com Jesus. In: Bruteau, B. (Org.). **Jesus segundo o judaísmo**. São Paulo: Paulus, 2003.

BRUTEAU, B. **Jesus segundo o judaísmo**. São Paulo: Paulus, 2003.

CAFETORAH. **O vale de Jezreel**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://cafetorah.com/vale-de-jezreel/>. Acesso em 08/10/2021.

CAIRNS, E. **O Cristianismo através dos séculos**: Uma história da Igreja Cristã. Vida Nova: São Paulo, 2008.

COLLINS, J. J. **Early Judaism: a comprehensive overview**. (Org.). John J. Collins; Daniel C. Harlow. Michigan: Eerdmans Publishing Co, 2012.

DUNN, J. D. **Unidade e Diversidade no Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2009.

DUNN, J. D. **A Nova Perspectiva sobre Paulo**. Santo André: Academia Cristã, 2011.

DUNN, J. D. **El cristianismo en sus comienzos**: Tomo II / Volumen 2 Comenzando desde jerusalen. Villatuerta: Evd, 2012.

DUNN, J. D. **A Teologia do Apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003.

ELIOR, R. Memory and Oblivion: **The Mystery of the Dead Sea Scrolls. Alemanha:** Walter de Gruyter, 2020.

ELIOR, R. The Dead Sea Scrolls – Who Wrote them, When and Why? **Studies in Spirituality**, N. 21. 2012. p. 45-66.

FISCHER, A. **O Texto do Antigo Testamento.** São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira, 2013.

GARNIER, J. **Palestina no tempo de Jesus.** Revista dos Tribunais: São Paulo, 1950.

GRABBE, L. Judaism, History of, Part II: Second Temple Times (586 B.C.E.-70 C.E.). In: Nesuner, J; Avery-Peck, A. (Org.). **Encyclopaedia of Judaism.** York: Outstanding Reference Sources, 2000.

GUNDRY, R. **Panorama do Novo Testamento.** São Paulo: Edições Vida Nova, 1985.

HARL, M.; DORIVAL, G.; MUNNICH, O. **A Bíblia Grega dos Setenta:** do judaísmo helênico ao cristianismo antigo. São Paulo: edições Loyola, 2007.

JACOBUCCI, Tecnologia. **Curiosidade: Ferramentas do Antigo Egito para bombear a água para irrigação.** Disponível em: <https://jacobucci.ind.br/news/curiosidade-ferramentas-egito-antigo-para-bombear-agua-para-irrigacao/>. Acesso 10/08/2021.

JOSEPHUS, F.; Whiston, W. **The Works of Josephus:** Complete and unabridged. Apion. Peabody: Hendrickson, 1996.

JOSEPHUS, F.; Whiston, W. **The Works of Josephus:** Antiquities. Peabody: Hendrickson, 1996.

KNIGHT, E. G. **Pecado e Salvação:** o que é ser perfeito aos olhos de Deus. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

LAGES, J. **As escavações Arqueológicas em Jezreel.** Disponível em: <https://portal.metodista.br/arqueologia/artigos/2014/as-escavacoes-arqueologicas-em-jezreel>. Acesso em 10/08/2021.

LAND OF THE BIBLE. **Vale de Jezreel.** Israel, 2018. Disponível em: < <http://www.land-of-the-bible.com/pt/node/400> > Acesso em 10/08/2021.

LENHARDT, P.; COLLIN, M. **A Torah Oral dos Fariseus.** São Paulo: Paulus, 1997.

MASON, S. **Flavius Josephus on the Pharisees:** A composition-critical study. Boston: Brill, 2001.

MASON, S. **A History of the Jewish War, AD 66-74.** Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

MASON, S. Essenes and Lurking Spartans in Josephus' Judean War: From Story to History. In: RODGERS, Z. (Org.). **Making History: Josephus and historical method**. Supplements to the Journal for the study of Judaism. Boston: Brill, 2007.

OSEIAS. **Geografia, História da Igreja e Arqueologia do Mundo Bíblico**. Disponível em: <http://oseiasgeografo.blogspot.com/2008/04/clima-da-terra-santa.html>. São Paulo, 2008. Acesso em 10/08/2021.

MANSOOR, M. Davies, P. Essenes. In: Skolnik, F. (Org.). **Encyclopaedia Judaica**. vol. 6 Dr-Feu. Detroit: Thomson Gale, 1945.

MIRANDA, E. E; Malca, J. S. **Sábios Fariseus**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

NEUSNER, J; Chilton, B. D. **In Quest of the Historical Pharisees**. Texas: Baylor University Press, 2007.

NEUSNER, J. **The Babylonian Talmud: A Translation and Commentary** Peabody: Editores Hendrickson, 2011.

NEUSNER, J. **The Mishnah: A new translation**. New Haven: Yale University Press, 1988.

NICKELSBURG, W. G. **Literatura Judaica, entre a Bíblia e a Mixná: uma introdução histórica e literária**. São Paulo: Paulus, 2011.

PAROSCHI, W. **Os Pequenos Grupos e a Hermenêutica: evidências bíblicas e históricas em perspectiva**. In: Brasil. E. (Org.). Teologia e Metodologia da Missão: palestras teológicas apresentadas no VII simpósio bíblico – teológico sul – americano. Cachoeira: CePliB, 2011.

ROPS, D. **A Vida Diária nos tempos de Jesus**. Vida Nova: São Paulo, 2008.

SALDARINI, A. J. **Pharisees, Scribes and Sadducees in Palestinian Society: A sociological approach**. Grand Rapids: Dove Booksellers, 2001.

SATRAN, D. דודן. In: Cohen, A; Mendes-Flohr, P. (Org.), **20th Century Jewish Religious Thought: Original Essays on Critical Concepts, Movements, and Beliefs**. Philadelphia, PA: The Jewish Publication Society, 2009.

SILVA, Andréia Cristina L. Frazão da. **A Palestina no Século I d.C.** Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/frazão/palestina.htm>. Acesso em: 20 fev. 2006.

SOARES, E. **Septuaginta: Guia historico e literário**. Sao Paulo: Hagnos, 2009.

SCOTT, J. J. **Origens Judaicas do Novo Testamento: um estudo do judaísmo intertestamentário**. São Paulo: Shedd Publicações, 2017.

- SCHIFFMAN, H. L. The Judean Desert Scrolls and the History of Judaism and Christianity. In: SCHIFFMAN, H. L.; TZOREF, S. (Org). **The Dead Sea Scrolls at 60: scholarly contributions of New York University faculty and alumni.** Boston: Brill, 2010.
- SCHIFFMAN, H. L. As Origens Saducéias da Seita dos Manuscritos do Mar Morto. In: SHANKS, H. (Org.). **Para Compreender os Manuscritos do Mar Morto.** Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- SCHÜRER, E. **Historia Del Pueblo Judío En Tiempos de Jesús.** 175 a.C.—135 d.C. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.
- SKARSAUNE, O. **À Sombra do Templo.** São Paulo: Vida Nova, 2004.
- STEGEMANN, E. **História Social do Protocristianismo.** Paulus: São Paulo, 2004.
- STEINSALZ, A. דומלת. In: Cohen, A; Mendes-Flohr, P. (Org.), **20th Century Jewish Religious Thought: Original Essays on Critical Concepts, Movements, and Beliefs.** Philadelphia, PA: The Jewish Publication Society, 2009.
- TERN, D. H. **Comentário Judaico do Novo Testamento.** São Paulo: Atos, 2008.
- TILLY, M. **Assim Viviam os Contemporâneos de Jesus: cotidiano e religiosidade no judaísmo antigo.** São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- TOV. E. **The text-critical use of the Septuagint in biblical research.** Indiana: Eisenbrauns, 2015.
- TOV. E. **Crítica Textual da Bíblia Hebraica.** Rio de Janeiro: Bvbooks Editora, 2017.
- TOV. E. **A Bíblia Grega e Hebraica, Ensaio Reunidos sobre a Septuaginta.** Rio de Janeiro: Bvbooks Editora, 2019.
- WALKER, W. **A História da Igreja Cristã.** ASTE: São Paulo, 2006.
- VERMES, G. **Os Manuscritos do Mar Morto.** São Paulo: Mercury, 1997.
- YOUNG, B. **Meet the Rabbis: Rabbinic Thought and the Teachings of Jesus.** Michigan: Baker Academic, 2007.
- YOUNG, B. **Paul the Jewish Theologian: A Pharisee among Christians, Jews, and Gentiles.** Michigan: Baker Academic, 1997.
- YOUNG, B. **Jesus the Jewish Theologian.** Michigan: Baker Academic, 1995.
- YOUNG, B. **The Parables: Jewish Tradition and Christian Interpretation.** Michigan: Baker Academic, 1998.